

ENTREVISTA

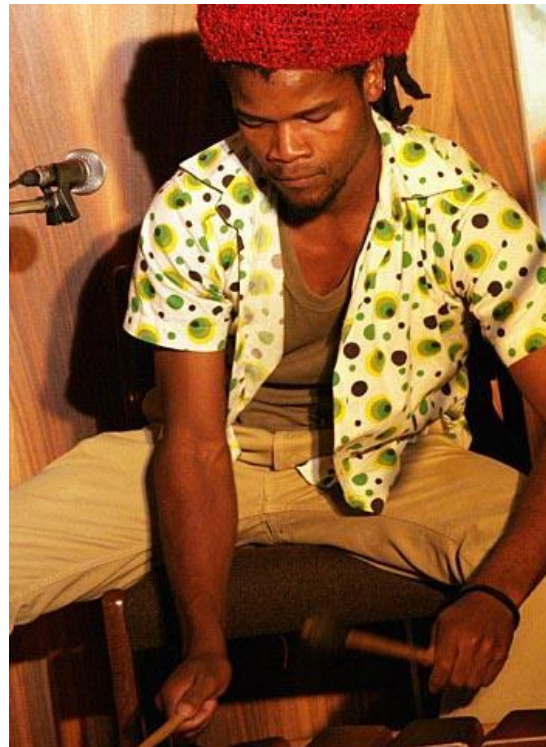
Matchume Zango

Por Denise Guerra

E-mail: denise.guerra@yahoo.com.br

Entrevista com Matchume Zango Músico Moçambicano da Orquestra Timbila Muzimba, participante da Cia TIJAC representante de Moçambique e Reunião que esteve no Brasil apresentando-se no FESTLIP. O instrumento principal do músico Matchume é a Timbila, criada pelo povo Chope, que foi declarada pela UNESCO Patrimônio Cultural da Humanidade em 2005.

Por ocasião do Festival de Teatro da Língua Portuguesa (FESTLIP) realizado entre os dias 02 e 12/07/2009, o Rio de Janeiro recebeu alguns dos nossos irmãos africanos e lusitanos que compartilham conosco o idioma português além do gosto pelas artes. Neste evento integrador apresentaram-se companhias teatrais de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal e do Brasil. O FESTLIP também nos proporcionou outras trocas e eventos paralelos, um



Matchume Zango é músico de Moçambique, da etnia Chope, e participante da Cia TIJAC dirigida por Mickaël Fontaine.

dos quais foi o “Workshop de Percussão e Timbila” com o músico moçambicano Matchume Zango que faz parte da Cia Tijac (Moçambique e Reunião). O Workshop foi viabilizado pelo músico brasileiro André Sampaio na Escola Maracatu Brasil nos dias 09 e 12/07/2009. Nossa colunista Denise Guerra teve o prazer de participar do workshop e apreciar o instrumento musical que se confunde com a história da música moçambicana, a Timbila, e ainda conhecer e entrevistar o músico Matchume Zango “um pedaço” de

Moçambique como dizem os nativos daquela terra.

Iniciando a Entrevista com Matchume por ele mesmo:



Matchume Zango é participante da Cia TIJAC dirigida por Mickaël Fontaine.

MATCHUME: Nasci Candido Salomão Zango, em 1980, mas, meu nome artístico é Matchume Zango. Sou moçambicano de origem chope, pertenço a uma família de artistas praticantes da música chope e no caso estou falando do instrumento Timbila e nossos estilos musicais específicos como a galanga, o choco, a chingomana, a mancala que são estilos que eu aprendi desde pequeno.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Conte-nos sobre como começou seu envolvimento com a arte:*

MATCHUME: Na verdade eu comecei a dançar antes de tocar com quatro

anos de idade, vivi e cresci no meio da nossa música e dança porque para nós a música e a dança estão sempre juntas, logicamente com os instrumentos musicais. Mais tarde comecei a tocar, só que ninguém me ensinou, nós tocávamos juntos e também já tinha o dom para tocar. Eu tocava percussão e pouco a pouco comecei a tocar Timbila porque ela faz parte da minha história como Chope. Então, parei de dançar em 1996 quando tinha 16 anos porque não podia fazer as duas coisas juntas, aí dediquei-me à música, apostei na música como carreira artística.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Fale sobre o início de sua carreira artística:*

MATCHUME: Quando eu tinha 13 anos participei de um projeto que envolvia crianças de Moçambique e Áustria; foi um intercâmbio muito forte, quando voltei para Moçambique senti que tinha que fazer algo diferente. Eu já tinha visto projetos de world music e também outros projetos com a Timbila e bateria que foi um projeto que passou pela minha casa. Vi coisas que vinham da Áustria e de Frankfurt como a “Banda Família de Percussão” a qual montou um projeto de jazz com a Timbila para adolescentes. A Timbila é considerada

como um instrumento de jazz, nos chamamos de jazz-metal porque é tocada em orquestras típicas de jazz e com os chocalhos para acompanhar. Comecei a carreira artística participando deste grupo, foi uma partida para a vida como uma escola, embora eu já tocasse e dançasse a música tradicional moçambicana este grupo inspirou-me bastante. Depois, quando voltei da Áustria em 1993 continuei a dançar e tocar Timbila, e em 1996 eu formei a Orquestra Timbila Muzimba.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Que outras experiências musicais contribuíram para a sua formação?*

MATCHUME: Comecei a dançar, a tocar, estudar e produzir instrumentos tradicionais moçambicanos como a Timbila, o xitende, o mtxiga, o xogovila. Neste sentido de promoção da cultura nacional, criei grupos de música e dança tradicional como o “Novos Raios”, e a orquestra de música tradicional e urbana “Timbila Muzimba”, cujo trabalho tem sido reconhecido na África, Europa e Ásia. Depois que voltei da Áustria foi que criei a Orquestra Timbila muzimba e também fiz parte de outros grupos na França, na Alemanha, na Bélgica e fui adquirindo várias

experiências com estes grupos todos. Na França eu trabalhava com um grupo de dança contemporânea, e em Portugal eu dava cursos de Timbila e também trabalhava com música contemporânea, não somente como tradicional. Na minha caminhada fui encontrando vários tipos de música e interessou-me mudar, variar aquela concepção de música tradicional juntando o contemporâneo.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Apresente-nos a Orquestra Timbila Muzimba criada por você em 1996:*

MATCHUME: A Orquestra Timbila Muzimba foi o primeiro trabalho profissional que criei com a Timbila. Como fundador deste projeto eu fiz uma aposta forte, era um projeto para mudar, mas, não foi um projeto escrito, foi um projeto de vida. A Timbila Muzimba é composta de Timbilas, Baixo, Bateria, Percussão e Dançarinos. Quando começou a Timbila muzimba éramos três músicos, e fomos às Jam Sessions (encontros musicais de jazz), fomos compondo a banda nestas Jam Sessions. Nós tocávamos e daí aparecia algum artista que gostava do trabalho e se integrava ao grupo. No começo não tínhamos um baterista, fomos a uma Jam Session e

um baterista de outro grupo se interessou pelo trabalho e passamos a ter um baterista. Noutro momento fomos a um festival de música e ainda não tínhamos um baixista, então um baixista de outro grupo se identificou com o trabalho e o grupo dele o perdeu, nós ganhamos um baixista. Fomos nos formando de pequenos eventos nas Jam Sessions. Nossa proposta básica é juntar os estilos musicais contemporâneos e tradicionais.

A dança da Timbila Muzimba chama-se Mgodo que significa “Um Tronco Forte”, sua história é a seguinte: Os bailarinos iam à guerra lutar, mas, eles não iam à guerra levando a música, iam só para lutar (o povo chope foi um povo de resistências, pois, enfrentou muitas guerras tribais com o changanas, shonas e outros), quando eles voltavam da guerra a Timbila era tocada pelos parentes como uma orquestra para eles dançarem, funcionava com um treino, os movimentos da guerra juntavam-se à Timbila. Lembra a Capoeira aqui de vocês.

A música da Orquestra da Timbila do som Mgodo é tocada e dançada pelos homens, mas, existem outros tipos de músicas e formações musicais que são

dançadas pelas mulheres como a Galanga, a Chingomana, a Mancala. Mas, a Orquestra das Timbilas é dançada mesmo só pelos homens porque eles dançam os movimentos das guerras, como por exemplo, levantam as pernas no ar, que são movimentos difíceis para as mulheres dançarem, é melhor que seja os homens a dançar pois, esta concepção de dança de guerra é mais específica dos homens.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *O Instrumento Timbila foi considerado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO em 2005, Conte-nos um pouco da história e da importância Timbila.*

MATCHUME: *A Timbila é um instrumento que faz parte da vida cotidiana de um certo povo que se chama Chope. Eu não conseguiria determinar quando a Timbila surgiu porque na verdade eu estaria mentindo. Eu nasci e já encontrei a Timbila, ela é um instrumento que varia de geração para geração, sendo que cada geração tem uma maneira de tocar e interpreta a Timbila, por exemplo, o meu avô toca de uma maneira e eu já tenho outro estilo, mas, nós não perdemos o estilo tradicional. Embora nós não presenciemos o estilo*

de antigamente tentamos sempre buscar o tradicional e evoluir com o instrumento. Como a Timbila agora que foi considerada Patrimônio Cultural da Humanidade é um sinal de que ela já não mais pertence somente ao povo Chope. Isto é muito bom para nós os Chopes porque podemos divulgar a nossa cultura com mistura de várias culturas do mundo.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Como é o seu trabalho musical no teatro e sua participação na Cia TIJAC com o texto MAR ME QUER do escritor Mia Couto?*

MATCHUME: Fui convidado pela Cia Tijac para me encarregar da parte musical dos espectáculos da companhia investigando e misturando os timbres de instrumentos tradicionais como o mbira, junto das máquinas mais modernas de criação de sons. Eu já tive outras experiências com dois grupos de teatro antes do Tijac. Quanto aos textos do Mia Couto, conheço alguns e já fiz outros trabalhos com o Mia. Tivemos um trabalho com um texto do escritor José Eduardo Agualusa com Mia Couto que eu musicuei, então aprendi muito com este escritor. Fazer a música é mesmo ler o texto, entender e fazer minha interpretação musical, na verdade não

é muito difícil, só temos que ter uma maneira de criar a história na música, o sentimento da música dentro da história. Não é só trazer o sentimento triste da história do Mar Me Quer, pois, trata-se de uma tristeza de amor. A música traz esta vida, esta coragem, como se levasse o público a entender a história do mar e do pescador no teatro encenado.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Quanto a música brasileira, você a relaciona com a música de moçambique?*

MATCHUME: Com certeza, o Samba de vocês vem do Semba e nós temos Semba em Moçambique. Vocês aqui tem um ritmo sincopado no samba e é o mesmo movimento nosso, só que nós não abanamos (balançamos) a cintura como vocês. Dançamos com o movimento das mãos, é uma dança do amor, para mim o Samba e o nosso Semba estão relacionados. Conhecemos também a Bossa Nova, mas, este ritmo é diferente do que temos por lá. Somos muito ligados ao Jazz e tocamos outros ritmos tradicionais como o Kuduro, o Ndombolo, o Semba e ritmos mais atuais como o Hip Hop e até o Zouk.

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: *Quero agradecer-te em nome da Revista África e Africanidades, em meu nome e em nome do nosso país, por tê-lo aqui visitando, interagindo e contribuindo para aumentar os laços entre as nossas culturas. Deixamos aqui um espaço para suas últimas palavras:*

MATCHUME: Queria colocar que estamos agora a começar um projeto de Master Class de Timbila aqui no Brasil e gostaríamos de fazer um link para tentar criar uma orquestra amadora de Timbila no Rio de Janeiro. Vamos precisar de muitos apoios. Temos pessoas para dirigir e acompanhar os Master class, então se batermos às portas para pedir patrocínios para esta formação de orquestra amadora que não tenham medo de ajudar. Trata-se de trazer a Timbila para o Brasil, queremos trazer seu som tradicional e criar uma orquestra amadora aqui. Então peço que apoiem estes músicos que estão tendo esta iniciativa. Muito obrigado à vocês da Revista África e Africanidades e ao Brasil pela recepção calorosa que tivemos. Warethwa!

REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES: Matchume Zango foi um enorme prazer conhecê-lo, muito

obrigada pela disponibilidade nesta entrevista e pelo carinho com que você nos recebeu. Esperamos que você tenha sucesso no seu projeto de Máster Class de Timbila no Rio de Janeiro e em outros projetos que você idealize. Deixamos à sua disposição o espaço da revista África e Africanidades para que você retorne. Nos despedimos com um grande abraço e com a saudação que aprendemos com os moçambicanos: Warethwa! (vá em frente!).

